

O retorno de migrantes brasileiros do Paraguai (1970-2018)

Vanucia Gnoatto¹

Resumo: O presente artigo trabalha a categoria do retorno de imigrantes. Como temática, estuda o retorno de e/imigrantes brasileiros do Paraguai, no período de 1970 a 2018. Nesse rol de retornados, suas motivações, pontos de origem e destino, optou-se por acompanhar as narrativas das mulheres migrantes, entendendo-as como protagonistas nesses deslocamentos transfronteiriços e utilizando como principais referenciais teóricos Sayad e Fazito. Trata-se de um estudo de história oral, construído a partir da coleta e análise de histórias de vida de e/imigrantes brasileiras retornadas do departamento de Alto Paraná, no Paraguai, e estabelecidas na fronteira, nos municípios de Santa Terezinha de Itaipu, Foz do Iguaçu e Missal, no Paraná. E também de residentes nos distritos de Santa Rita e San Alberto, no Paraguai, que alimentam o desejo de um dia retornar para o Brasil, mostrando as múltiplas variáveis em torno da migração de retorno.

Palavras-chave: E/imigração; Retorno; Mulheres; Brasil; Paraguai.

Abstract: This article deals with the category of return of immigrants. As a theme, it studies the return of Brazilian e / immigrants from Paraguay, from 1970 to 2018. In this list of returnees, their motivations, points of origin and destination, we chose to follow the narratives of migrant women, understanding them as protagonists in these cross-border displacements, using Sayad and Fazito as main theoretical references. This is an oral history study, built from the collection and analysis of life histories of Brazilian e / immigrants returned from the department of Alto Paraná, in Paraguay, and established on the border, in the municipalities of Santa Terezinha de Itaipu, Foz do Iguaçu and Missal, in Paraná. Also of residents in the districts of Santa Rita and San Alberto, in Paraguay who have a desire to return one day to Brazil, showing the multiple variables around return migration.

Keywords: E/immigration; Return; Women; Brazil; Paraguai.

The return of brazilian migrants from Paraguay (1970-2018)

¹ Graduada, Mestra e atualmente Doutoranda em História pela Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS. E-mail para contato: vanuciagnoatto@gmail.com

Introdução

Os deslocamentos migratórios são atravessados pelos movimentos de retorno, geralmente obscurecidos pela epopeia da imigração. Nesse contexto, trabalha-se a categoria de retorno nos movimentos de emigração do Brasil ao Paraguai, no período de 1970 a 2018², objetivando-se acompanhar as narrativas das mulheres migrantes quanto às suas motivações, pontos de origem e destino, entendendo-as como protagonistas nesses deslocamentos transfronteiriços.

Aqui abordar-se-á como o retorno é visto por alguns imigrantes brasileiros que moram no Paraguai e emigrantes brasileiros que retornaram. Para fins de estudo, delimitou-se como espaço o departamento de Alto Paraná, localizado na região leste do Paraguai, particularmente os distritos de San Alberto, Naranjal e Santa Rita. Já os retornados encontram-se no oeste do estado do Paraná, nos municípios de Foz do Iguaçu, Santa Terezinha de Itaipu e Missal. Parte-se da premissa inicial de que o retorno não se dá, necessariamente, ao local de origem nem é o fim do processo migratório.

Trata-se de um estudo de história oral pautado na coleta e análise de histórias de vida de migrantes relatadas a partir de questões-chaves que abordavam a origem, os motivos que levaram a migração ao Paraguai, a vivência no Paraguai, ligação com o lugar e país de origem. E para aqueles que retornaram também realizaram-se as mesmas questões, acrescentando ao roteiro o que motivou o retorno, ligação com o Paraguai e como foi a reinserção no país de origem, com o propósito de compreender como a e/imigração ao Paraguai e o retorno ao Brasil é vivenciado por esses imigrantes.

Ao longo do texto, identificam-se os sujeitos e busca-se apresentar dados de suas trajetórias como migrantes para enfatizar a multiplicidade de deslocamentos realizados por eles. Denota-se, a partir dos dados empíricos amparados nos referenciais teóricos, que o movimento do retorno é marcado pela questão do gênero, sendo vivenciado de modo distinto pelos homens e pelas mulheres. No presente estudo, o foco serão as narrativas das mulheres sobre sua experiência migratória.

Nesse sentido, faz-se necessário aprofundar o entendimento sobre a história oral de vida. Para Meihy e Holanda, “A história oral de vida se espalha nas construções narrativas não que apenas se inspiram em fatos, mas vão além, admitindo fantasias, delírios, silêncios, omissões e distorções” Conforme o autor, “Por que as histórias de vida são decorrentes de

² O artigo é parte da dissertação de Mestrado em História, cujo título é: “Migrações, trajetórias e retornos: imigrantes brasileiros no Paraguai”, defendida no PPGH da Universidade de Passo Fundo, UPF. As histórias de vida foram coletadas em pesquisa de campo na zona fronteira dos dois países.

narrativas e estas dependem da memória, dos ajeites, contornos, derivações, imprecisões e até das contradições naturais da fala. Isso talha a essência subjetiva da história oral de vida” (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 34 -35).

Já para Portelli, “una historia de vida es algo vivo. Es siempre una obra en proceso, en la cual el narrador revisa la imagen de su propio pasado a medida que avanza” (PORTELLI, 1981, p.1-3). Ainda, segundo Portelli, cada história que escutamos é única, nenhuma história se repete duas vezes da mesma forma. Ao ouvir a narrativa do informante,

la senda del investigador se cruza con la del informante en momentos erráticos; la historia de vida que se recopila es el resultado de un acontecimiento casual (claro que el investigador puede haber planeado la entrevista, pero el informante no [...] no importa lo mucho que podamos decir que somos historiadores “orales”; la tecnología misma de nuestro trabajo consiste en transformar la palabra hablada en escrita, en congelar un material fluido en un punto arbitrario del ti (PORTELLI, 1981, p. 3- 5).

Para Thompson, as histórias de vida de imigrantes são versões de narrativas criadas depois de eventos, que foram utilizadas e reelaboradas pelos sujeitos, famílias e comunidades. As narrativas trazem elementos importantes da experiência migratória, lidando com a expectativa de possíveis futuros, mostrando como os migrantes souberam lidar com as implicações de seu deslocamento, buscando sentido nessas. Em cada fase, “as histórias de vida articulam os significados da experiência e sugerem maneiras de enfrentar a vida”. Quando registradas, não se percebem somente evidências importantes das vivências passadas, mas a constante evolução dos modos de construção de suas vidas. Vistas desta forma, as histórias orais dos migrantes possibilitam evidências sobre experiências passadas e sobre histórias de vida, que por sua vez são parte importante e material da vivência dos migrantes (THOMPSON, 2002, p. 358-359).

Nas histórias de vida dos imigrantes, por vezes confronta-se com o “não dito” devido ao peso que algumas vivências representam para o sujeito. Para Pollak, “existem nas lembranças de uns e de outras zonas de sombra, silêncios, ‘não ditos’”. Em que ‘as fronteiras desses silêncios e ““não ditos” com o esquecimento definitivo e reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento” (p. 8). Por vezes, também se depara com bloqueios e dificuldades que surgem no decorrer da entrevista que, para o autor, em exceções são resultado de esquecimentos ou brancos, mas consequências de uma reflexão sobre a própria utilidade de falar sobre o passado. Assim sendo, diante da grande

possibilidade de não ser compreendida e aceita, a pessoa acaba guardando para si memórias sobre o passado (POLLAK, 1989).

O retorno: elemento constitutivo do migrante

Os movimentos migratórios aqui estudados situam-se na segunda metade do século XX e início do século XXI. Logo, podem ser considerados como história do tempo presente. Soma-se a isso o fato de tratarem-se de movimentos transfronteiriços, cuja travessia da fronteira é fluída e não implica em altos investimentos de transporte. Nesse ponto, são distintos dos movimentos migratórios transoceânicos, que implicam em altos investimentos.

Observando o deslocamento migratório Brasil-Paraguai, percebem-se de imediato alguns pontos de contato e particularidades. Primeiramente, esses migrantes realizaram, de modo geral, múltiplas migrações movidas pela busca de trabalharem como arrendatários, trabalhadores diaristas e de serem proprietários de terras no interior do Brasil e no Paraguai. Quanto ao histórico da migração de brasileiros ao país vizinho, é importante ressaltar que a mesma é fruto de acordos políticos entre os dois países e tem a influência do avanço do processo de modernização agrícola no interior do sul do Brasil.

A migração ao Paraguai se dá em vários momentos. Bárbara (2005) classifica o processo migratório de brasileiros para o Paraguai em três períodos históricos. O primeiro, na década de 1960, constituído por imigrantes originários do norte e nordeste do Brasil. Possesiros, que passaram pelos estados de Minas Gerais, São Paulo e Paraná, prepararam o terreno para a expansão da fronteira agrícola capitalista. O segundo ocorreu na década de 1970, onde o Paraguai recebeu um grande número de camponeses que migraram do Paraná, Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Foram atraídos pelo preço da terra, que chegava a ser cinco vezes mais em conta que no Brasil e pela existência de terras bastante férteis. Já o terceiro movimento migratório intensifica-se na década de 80 com retorno de milhares de famílias brasileiras.

O retorno está ligado a questões agrárias como de titulações de terras e de conflitos no contexto de mudança do regime político no Paraguai e de avanço do processo de modernização agrícola naquele país, que impede a permanência de arrendatários e pequenos proprietários de terras, que não podem mais fazer frente ao agronegócio e entre outras motivações que levam ao retorno como saúde, educação, trabalho, previdência e estabilidade na velhice.

Nas migrações desses sujeitos, percebem-se múltiplas identidades acionadas em cada contexto. Ao migrar do Brasil para o Paraguai, assumem a condição de emigrantes e, simultaneamente, no Paraguai são recebidos como imigrantes. Todavia, no movimento de retorno ao Brasil há diversas situações: o brasileiro nato é um retornado, contudo, seu filho, nascido no Paraguai, torna-se um imigrante no Brasil, e contabiliza como emigrante no Paraguai. Logo, depara-se com ambas situações.

Sayad (1998) compreende a migração como a dualidade do sujeito que ao mesmo tempo é emigrante, quando sai de sua pátria, e imigrante, quando chega a novas terras. A origem da imigração é o emigrante. Assim, a migração é entendida como um “fato social completo”, pois o indivíduo é denominado imigrante pela sociedade a partir do momento em que ele chega a um novo território (SAYAD, 1998, p.16). A discussão aqui é mais ampla. O imigrante pensa e pressupõe o retorno. O autor salienta ainda que existe uma dupla contradição na imigração: “não se sabe mais se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinitivamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro, mas que se gosta de viver com um intenso sentimento de provisoriedade”. Porém, “insiste-se com razão na tendência atual que os imigrantes possuem de se ‘instalar’ de forma cada vez mais duradoura em sua condição de imigrantes”, (SAYAD, 1998, p. 45) a qual passa de provisória a definitiva.

A migração de retorno pode acontecer fisicamente ou pode ser desejada, entretanto não realizada. O desejo do retorno pode ser vivido por quem não retorna e também por aqueles que retornam, como sinônimo de fracasso, considerando as expectativas ligadas à migração. A possibilidade do retorno é vista como positiva quando resultado do sucesso econômico. Todavia, o desejo do retorno, consciente ou inconscientemente, acompanha os deslocamentos migratórios. O mesmo também não precisa necessariamente ser realizado pelo imigrante, mas pode ser concretizado pelos seus descendentes.

Outro elemento dessa migração é o da mudança do espaço e dos sujeitos implicados nela. I.F., natural de Crissiumal, RS, que com 20 anos de idade decidiu por migrar para Marechal Cândido Rondon, atual Entre Rios do Oeste, PR, em busca de trabalho nas terras do irmão e que, após alguns anos, mais precisamente em 1978, migra com a esposa de Entre Rios do Oeste, Paraná, para Naranjal, Paraguai, assim descreve essa mudança: “Isso tudo é uma aventura assim [...]. A gente quando sai do lugar, vai para um lugar onde nunca foi, tu sempre volta diferente, sempre aprende algo a mais que tu vê que tu não tinha visto naquele lugar que

tu estava” (Entrevista realizada via Skype, Naranjal, 08 ago. 2016)³. O retorno permite a volta ao mesmo lugar, mas não ao que se deixou para trás, pois quem saiu “volta diferente” – e quem permaneceu também muda. São mundos diferentes em contato.

Para Fazito, quando o emigrante parte a determinado lugar acredita absolutamente que um dia voltará para o mesmo “espaço” original, como se a decisão de emigrar somente fosse individual e pontual, presente em um espaço e tempo manipulável racionalmente. Porém, frente à impossibilidade do retorno, vivida muitas vezes de forma inconsciente pelos imigrantes, parece restar a possibilidade socialmente estruturada de uma forma de dissimulação. O imigrante modifica de forma simbólica suas próprias vivências do cotidiano quando cria ilusões sobre o retorno às suas origens, visando justificar sua condição muitas vezes nada cômoda de deslocado e inclassificável. Ao se tornar migrante se aprende a dissimular para si, para os que ficaram na terra natal e para os da terra de destino “como forma de consagrar um novo contrato social que precisa estabelecer os limites da crença social nesse triplo sentido de relações” (FAZITO, 2010, p. 91).

Para o mesmo autor, o retorno desejado, mesmo que seja impossível, produz uma força “capaz de se materializar em normas, valores e comportamentos de indivíduos e grupos”. Segundo ele, partindo da realização de um acontecimento particular, no caso a migração, “no ciclo de vida de uma pessoa ou grupo, os significados, as relações e a inserção do imigrante na estrutura social (tanto da sociedade de origem como na de destino) são modificados, proporcionando dinâmica e complexidade a todo o sistema” (FAZITO, 2010, p. 92).

Para Romeu, defender a ideia de que reconhece o migrante como sujeito leva a concluir que isso também acontece com quem retorna à terra de origem, somando-se ao caso de que agora, impregnado com as vivências do lugar de procedência, surge como uma totalidade: “uma vida construída pela mobilidade entre dois ou mais espaços, entre idas e vindas. Uma vida marcada por lugares de memória e do cotidiano presente, realidades que constituem personalidades e projetam devires” (ROMEU, 2018, p. 88).

Conforme Sayad, a migração de retorno implica em

³ I.F., agricultor, natural de Crissiumal, RS, residente em Naranjal. Entrevista concedida em 08/08/2016. A pedido da família do informante, utilizam-se as iniciais do seu nome, já os demais entrevistados estão com o seu nome original. Ainda sobre a entrevista, esta foi realizada via web devido à impossibilidade de fazerem-se presentes. A mesma foi realizada para o Trabalho de Conclusão de Curso de História, pela Universidade de Passo Fundo, intitulado: “Fronteiras: as trajetórias migratórias dos colonos rio-grandenses no Paraguai (1970 - 1980)”. Devido à relevância da fala com relação ao tema, incorpora-se a mesma ao artigo. Vale destacar que todas as entrevistas dos dois trabalhos, tanto o TCC como a dissertação, para serem realizados, tiveram que passar pela aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa e para serem publicados têm o consentimento dos informantes, através da assinatura de termo.

uma relação com o tempo, o tempo de ontem e o tempo do futuro, a representação de uma projeção do outro, sendo estritamente dependentes do domínio que se tem do tempo presente, isto é, do tempo cotidiano da migração; uma relação com a terra em todas as suas formas e valores, inicialmente em suas dimensões físicas e geográficas e, em seguida, em suma apenas metáfora do espaço social; uma relação com o grupo, aquele que se deixou fisicamente, mas que continua a carregar de uma maneira ou outra, e aquele no qual é preciso se impor, aprender a conhecer e dominar (SAYAD, 2000, p. 12).

Para Romeu (2018), o sujeito que vivencia situações precárias ao longo da migração tende a desejar o retorno imediato com mais força dos que estão em condições econômicas melhores. Porém, o retorno não é somente determinado pela questão econômica, sendo que existem outros aspectos decisivos como as discriminações enfrentadas, a violência diária física e simbólica das cidades, saudades dos amigos e parentes. Elementos que não tem como serem medidos, mas da mesma forma decisivos em muitas situações na escolha pelo retorno ou permanência.

Ao se referir ao retorno, Sayad cita um questionamento feito por um pesquisador investigador, na França, a um imigrante sobre o retorno. Nele, o pesquisador teria lhe perguntado: “Você quer retornar para a sua terra, para o seu país? A resposta foi: É o mesmo que perguntar a um cego se ele quer ver a luz”. Na resposta do imigrante, Sayad percebe que o sonho e o desejo de todos imigrantes de forma natural são o de retorno. Aqui visto “como recuperar a visão, a luz que falta ao cego, mas, como cego, eles sabem que esta é uma operação impossível. Só lhes resta, então, refugiar-se numa intranquila nostalgia ou saudade da terra” (SAYAD, 2000, p.11).

Sobre o retorno, Sayad afirma que a nostalgia não é o seu mal, pois, quando acontece, o imigrante descobre que não é a solução porque não existe um retorno ao idêntico. Pode-se voltar sempre ao ponto de partida, o espaço possibilita ir e vir, porém é impossível voltar ao tempo da partida, voltar a ser aquele que se era naquele momento e muito menos reencontrar os mesmos lugares e pessoas, a mesma situação tal como se deixou. Para o autor, o sentimento de nostalgia por um lugar tem força de transfigurar tudo o que toca, como o amor tem efeito de encantamento evidente e, em maior proporção, efeitos de santificação e sacralização. Onde a casa natal, o solo natal, a casa dos antepassados, o país são lugares privilegiados pela nostalgia. Assim sendo, tem-se “o retorno profano a estes lugares da natureza e da história tornados santos pela graça da nostalgia” (SAYAD, 2000, p.12).

O autor ainda acrescenta que “emigrar e imigrar é antes de mais nada mudar de espaço, de território”. Mesmo que esse processo aconteça sem muitos problemas ou se

conforme com as dificuldades tanto pequenas como grandes, “mudar de espaço – deslocar-se de espaço, que é sempre um espaço qualificado – é descobrir e aprender simultaneamente que o espaço é, por definição, um “espaço nostálgico””, um lugar aberto a todas as nostalgias, isto é, carregado de afetividade’. O mesmo não é um espaço abstrato, mas “se trata de um espaço vivo, concreto, qualitativa, emocional, e até mesmo apaixonadamente distinto” (SAYAD, 2000, p. 12).

Entre os nossos entrevistados no Paraguai percebe-se nas falas o desejo do retorno ao “espaço nostálgico” e o apego ao Paraguai. Numa tarde de inverno, em San Alberto, distrito ao norte do departamento de Alto Paraná, foi-se para a casa de Nadir José Sirtoli e Carmem Furlan. Entre risos e chimarrão estes relataram um pouco de suas trajetórias migratórias. Nadir, natural de Aratiba, Rio Grande do Sul, migrou com a sua família para o município de Ampere, no Paraná, em busca de terras melhores para o cultivo. Depois de um tempo migra mais uma vez, agora para a cidade de Vera Cruz, no Paraná, onde conheceu Carmem Furlan e passa a trabalhar na oficina do seu cunhado. Já no ano de 1978, em visita ao Paraguai, muda os seus planos e adquire terras naquele país. A narrativa desse casal transcrita na íntegra nos possibilita pensar em vários aspectos com relação à migração de retorno:

Entrevistadora: Relação com a terra natal? Carmem: A, eu tenho muita vontade de voltar. Nadir: Eu pra minha terra natal nunca mais voltei. Entrevistadora: Tem saudades? Carmem: Tenho, porque eu nasci e me criei no mesmo lugar, né? Desde que eu nasci até os 24 anos vivi no mesmo lugar, nunca mudei, sempre no mesmo lugar. Então que nem eu digo a minha raiz ficou lá. Eu sempre falo, eu passei da ponte pra lá [...] e ele já não e nem os meus filhos, chegam do outro lado da ponte e eles não vê a hora de voltar. E eu chego do lado de lá tô no meu mundo. E o Nadir também não gosta de lá. Eu por mim já tinha voltado há muito tempo. Nos primeiros anos só pensava em ir embora, embora, embora. Nadir: Eu não, eu gosto daqui. Se fosse voltar hoje lá pra, principalmente pra trabalhar, lá não me adapto, e ir morar também acho que não. Sei lá um dia o que vai acontecer. Eu acho que é aqui e pronto (Carmem Furlan; Nadir José Sirtoli, San Alberto, 28 jul. 2018).

Na fala de Carmem, percebe-se o sentimento de nostalgia para com a terra natal que ainda se mantém vivo, não na mesma intensidade dos primeiros anos, mas que ainda se faz presente, pois a mesma se sente ligada ao seu local de origem, narrado por ela como “meu mundo” por possuir vivências, aspectos e ligações afetivas próprias e, como a mesma diz: “minha raiz ficou lá”. O desejo de retornar também é compreensível pelas dificuldades encontradas por ela e pelo seu esposo logo que se estabeleceram em suas terras. Esse sentimento é comum entre os imigrantes ao depararem-se com as dificuldades de inserção no local de destino, nelas esses tendem a pensar no retorno com mais intensidade e a permanecer

somente para poder, através do seu trabalho, conseguir recursos para retornar. O retorno aqui, como defendem Goettert e Mondardo (2009), não é regressar fisicamente “a um lugar “perdido para sempre”, mas no qual a aceleração do tempo presente e futuro é freada pelo passado (como se, na mobilidade do Capital e do Trabalho, também se produzisse a “imobilidade” “subjeto-identitária”)” (GOETTERT; MONDARDO, 2009, p. 127).

Ao longo da entrevista, Carmem Furlan afirmou que a migração, apesar das dificuldades, possibilitou que a família tivesse uma vida melhor economicamente, adquirisse terras tanto no país de destino como de origem, algo que, como eles defendem, não teria acontecido se tivessem morando no Brasil. Porém, em sua fala, a mesma deixa transparecer que o retorno não se deu porque não pensou na sua vontade, mas a da família que quer permanecer, pois, se fosse pela mesma, esta retornaria. Por fim, ainda Carmem relata que os filhos, assim como o esposo, não têm o apego que ela tem ao Brasil, o que também se entende, pois nunca viveram no país de seus pais.

Já, para Nadir, a vivência no Paraguai fez com que se desligasse de sua terra natal e não alimentasse o desejo do retorno. Em outro momento, em seu relato e ao ser questionado sobre como é ser imigrante, o mesmo afirma: “eu não me considero mais imigrante né, há 40 anos, eu falo pra muito paraguaio ali, que é mais novo, eu sou mais paraguaio que você, mas como? Ele fala. Eu tenho 40 anos de Paraguai!” (Nadir José Sirtoli, San Alberto, 28 jul. 2019).

O mesmo não se reconhece mais como imigrante, mas como paraguaio. Para Nadir, o sentimento de pertencimento agora é para com o país de destino. Sobre essa situação, Sayad afirma que “O imigrante só deixa de sê-lo quando não é mais assim denominado e, conseqüentemente, quando ele próprio assim não mais se denomina, não mais se percebe como tal”. O fim dessa denominação extingue no mesmo tempo a ideia de retorno presente na condição do imigrante (SAYAD, 2000, p. 11).

Nadir se sente paraguaio pelo tempo que reside naquele país. Porém, a identidade paraguaia é contestada pelo paraguaio que, em tom de surpresa, tenta questioná-lo, dizendo: “mas como?”, pois, para este, Nadir não é paraguaio, devido aos seus costumes e língua próprios do Brasil. Nesse sentido, Albuquerque percebe que “A identidade paraguaia dos imigrantes brasileiros só passa a ser reconhecida se esses já falarem fluentemente o guarani. Não é a cidadania o critério social, mas o domínio desse idioma nacional” (Albuquerque, 2005, p. 226). Assim sendo, Nadir é visto pelos paraguaios como um estrangeiro, por mais que não se sinta.

Ao analisar-se a condição do migrante, em especial a do imigrante brasileiro no Paraguai, percebe-se que é um sujeito dividido em seus sentimentos entre dois países. Por vezes, deseja o retorno, mas por outras já não se sente em casa na terra natal. Neiva Fridrichs, natural de Tunápolis, SC, após outras migrações realizadas no Paraguai, hoje residindo em Santa Rita, PY, ao se referir a esse sentimento próprio do migrante, assim se expressa:

A gente tem saudade do Brasil, tem né! A gente vai lá, mas a gente já não vê de novo a vontade de voltar, porque aqui [Paraguai] a gente se sente mais em casa ainda. Vontade enorme de morar no Brasil a gente tem, mas quando a gente vai passear lá, a gente já sente saudade de novo de voltar pra casa. Quando a gente pisa em solo nacional paraguaio de novo a gente se sente em casa, porque a gente construiu toda a nossa vida aqui (Neiva Fridrichs, Santa Rita, 26 de jul. 2018).

A mesma expressa que tem saudades e uma vontade enorme de voltar ao Brasil, mas se sente “mais em casa” onde reside no Paraguai. Sentimento que, segundo ela, é mais forte quando retorna para passeio ao país de origem. Essa realidade conduz a um processo de transformação desse sujeito que ainda nutre, em muitos casos, um sentimento forte pela pátria mãe, mas, ao estar em presença desta, não se sente em “casa” como no local de destino, pois já não se encontra mais, porque ela mudou e ele também. Para Vangelista (2010), ao sair do país e migrar para outro, muitas vezes os imigrantes vivenciam a transnacionalidade, pois existe ali uma situação de bilocalidade em que muitos emigrantes ficam ligados a dois lugares distintos: o de origem e o de acolhida.

O migrante, para Goetttert (2008), é visto como “um ser em *trânsito*”, ao mesmo tempo em que pertence a dois lugares não pertence a nenhum deles. “Um ser em trânsito que também é um ser cambiante entre o lugar onde está e o lugar deixado”. Para o autor,

A *transitoriedade migratória* que apresenta, fundamentalmente, uma “temporiedade” (e não apenas uma temporalidade), pois se inscreve em um tempo determinado. É temporária. É definida por um *espaço temporal*. Esse tempo é variante de migrante para migrante. Pode durar toda a parte da vida no novo lugar vivido. Ou pode durar até o momento exato da chegada no lugar de destino. As *situações* e *condições* de cada migrante – econômicas, sociais, psicológicas... – é que definem esta “temporiedade”. Uma “temporiedade” que se define pela subjetividade, que por sua vez inscreve-se sobre um conjunto de relações tanto com o novo lugar, como com o lugar de origem (GOETTERT, 2008, p. 42).

Esse sentimento é vivenciado pelos imigrantes brasileiros no Paraguai em vários níveis para cada indivíduo. Entre as histórias de vida analisadas há aqueles que não se sentem mais imigrantes, que se encontram inseridos no Paraguai, se sentindo pertencente. E há aqueles que se sentem divididos, que alimentam, por mais que estão há décadas naquele país,

o desejo do retorno ao Brasil devido às várias situações. Transpareceu, nas falas dessas mulheres, um desejo pelo retorno, o qual poderá ser concretizado ou não, pois o fato de retornar para elas está ligado principalmente a vontades que não são só suas.

“Queria sempre voltar, o meu sonho era vir embora para o Brasil”

Já, entre aqueles e aquelas que retornaram, percebe-se que o retorno é vivenciado de forma diferente para homens e para mulheres. Para os homens que retornaram, o apego ao Paraguai ainda é intenso. Esses recordam com alegria e uma certa nostalgia a vida no país vizinho, os desafios enfrentados e as conquistas. Os mesmos na maioria ainda mantêm uma relação estreita com o antigo país de destino.

A narrativa de Plínio, natural de Selbach, RS, que em 1976 migra para Palotina, no estado do Paraná, e em 1980 para Santa Rosa del Monday, no Paraguai, e por fim retorna em 2005 para Foz do Iguaçu, PR, nos dá uma ideia dessa relação com o Paraguai: “Eu voltei de lá [Paraguai] em 2005, eu tô com um pé aqui [Foz do Iguaçu] e outro lá, eu tô lá, minha vida é lá” (Plínio Seger, Foz do Iguaçu, 14 jan. 2019). As experiências de trabalho e vida, além dos vínculos que estes ainda possuem com o país vizinho, fazem com que esses sujeitos tenham um apego forte ao mesmo e sintam em ter que retornar.

A narrativa de Plínio se assemelha a de Adelino Bottegel, natural de Cândido Godoi, RS, que migra com os pais e oito irmãos em 1965 para Missal, PR. Após se casar, migra para São Miguel, PR, permanecendo ali cinco anos com a família. Após migrou com a família para Santa Rosa del Monday. E, em 1980, migrou para o Paraguai com a esposa Ilei Terezinha Bottegel, natural de Concórdia, SC, que também migrou com os pais para Missal, em 1972, para Itaipulândia, em 1975, e, após cinco anos residindo nesse município, migra com a família para Santa Rosa del Monday, no Paraguai, em 1980, e após, em 1987, para San Cristóbal, PY. Por fim, no ano de 2001, por questão do estudo do filho com necessidade especial, a família decide retornar para o Brasil. Sobre essa decisão, esse assim se expressa:

Eu não tinha vontade de sair de lá, eu não tinha vontade de largar o Paraguai e sair. A gente tem que dar recurso pra quem precisa, não pensar só pra mim e pra ele não, eu pensei por ele também. Eu acho que isso foi uma coisa muito certa que um pai pode fazer, e trazer ele no estudo, como que ele tem o estudo hoje, ele pode fazer faculdade, tá pronto. E aonde eu vou consegui lá? (Adelino Bottegel, Missal, 15 jan. 2019).

A fala expressa que a saída do Paraguai não era a sua vontade, não era algo desejado pelo mesmo, mas uma decisão que este tomou junto com o restante da família para o futuro de

seu filho surdo, que necessitava de uma escola que atendesse as suas necessidades. Algo que não era possível onde a família residia. Atualmente, o jovem trabalha em um mercado da cidade e mora com os seus pais.

Já a narrativa de sua esposa mostra, por outro lado, o desejo de retornar ao Brasil, do qual afirma que não queria ter saído e as expectativas que a mesma criava sobre a migração de retorno. Sobre o Brasil, ela assim se expressa: “Eu me senti em casa, sempre mais melhor no Brasil”. É o Brasil e pronto! (Ilei Terezinha Bottegel, Missal, 15 jan. 2019). Interessante perceber em sua fala que os anos vividos por ela no país vizinho, a constituição de uma família com a vinda dos filhos e entre outras vivências não fizeram com que a mesma se sentisse em “casa” no Paraguai; sensação que somente o retorno trouxe para esta. A mesma segue seu relato, afirmando:

Eu, na verdade, se é pra ir hoje de novo eu não vou mais, nem fui mais passear lá nada, eu não gosto, na realidade nunca gostei de lá [...]. Queria sempre volta, o meu sonho era vir embora para o Brasil [...]. Todo ano que terminava o ano, por ano a ano a gente estava pensando em vir embora, sempre pensava de voltar, e daí um dia deu certo, daí viemos embora (Ilei Terezinha Bottegel, Missal, 15 jan. 2019).

Na fala, a mesma afirma ter se desligado do Paraguai e que o retorno era algo pensado já há algum tempo pela família, um sonho pessoal que, segundo ela, “um dia deu certo”. Ao retornar, a família adquiriu terras no interior de Missal e passou a fixar residência na mesma. Já, no ano de 2018, a família migrou para a zona urbana da cidade. Essa migração levou a Ilei a se dedicar a outra atividade, no caso à venda de cosméticos, podendo assim ter maior autonomia, pois possuía a sua própria renda não dependendo somente da advinda da agricultura que, na grande maioria das vezes, entre as famílias do campo era administrada e permanecia somente com o esposo.

Entre a maioria das mulheres que contaram as suas histórias de vida, o retorno para o Brasil, mais especificamente para os municípios analisados, era visto como algo positivo, pois possibilita com que estas, agora vivendo nas cidades e não mais no interior, possam refazer as suas vidas, através de um trabalho informal ou de carteira assinada. Dessa forma, adquirindo liberdade e autonomia, não sendo mais dependentes dos pais ou dos maridos. Além disso, para elas o acesso à saúde pública, no caso SUS, aos benefícios da previdência social e a possibilidade de os filhos poderem estudar também tiveram um peso enorme para o retorno.

É o caso de Maria Gessi Soledade dos Santos, natural de Francisco Beltrão, PR, que, quando criança, em 1970, migrou com sua família para o distrito de Hernandaria, no Paraguai. Maria Gessi Soledade dos Santos foi uma dessas mulheres que vivenciaram mudanças

positivas com o retorno para o Brasil. Acabou retornando ao Brasil em 1979, em busca de atendimento médico para o pai, que sofria com a diabetes. Devido à saúde dele toda a família retornou também. A mesma, com 60 anos, enfrenta dificuldades para se aposentar pelo tempo em que residiu no Paraguai e, como se alfabetizou mais tarde, faltam-lhe anos de carteira assinada. Ela recorda-se de quando criança ter estudado apenas um ano a “cartilha” e que não quis estudar no Paraguai por causa das línguas e que, com o tempo, não foi algo difícil para a mesma.

Porém, através do retorno, encontrou possibilidades de ter uma vida melhor e outra profissão. Em um sábado à tarde, em sua casa em Foz do Iguaçu, a mesma nos relatou algumas conquistas pessoais que se deram devido ao retorno:

Fiz a minha carteira de motorista sem estudo. O meu filho falou: “Se não vai conseguir, você não tem estudo” [...]. “Graças a Deus!”, eu falei: “Eu vou confiar naquele que é professor dos professores, médico dos médicos”, e é ele quem bem me ensinou, e deu tudo certo [...]. Eu vim embora pra cá, Foz [do Iguaçu], fui trabalhar de diarista, não sabia ler nem escrever, fui limpar casa. Aí fui trabalhar de diarista, depois que aprendi a ler que eu fui trabalhar no comércio, daí eu virei cozinheira. Deus me deu essa profissão também, que na minha carteira está cozinheira (Maria Gessi Soledade dos Santos, Foz do Iguaçu, 19 jan. 2019).

Assim como Maria, muitas mulheres migraram para o Paraguai não por vontade própria, mas por acatarem a escolha de seus pais ou esposos. Pouco tinham ou não havia uma negociação familiar para a migração, uma vez que tratava-se de uma decisão masculina. Porém, diante das dificuldades para se manterem no campo com poucas terras ou não encontrando mais trabalho braçal na agricultura, são desafiadas a buscar trabalhos nos centros urbanos ou a retornar para o Brasil, onde conseguem uma profissão, voltam a estudar ou a conseguir a carteira de motorista, algo que para a nossa informante seria muito difícil no país de destino. As mesmas passam agora a ser pró ativas, a fazer as suas próprias escolhas.

Para Nelci Barcellos, natural de Saltinho, RS, que em 1984 migrou para o Paraguai, o retorno ao Brasil possibilitou um novo recomeço. A narrativa de Nelci permite entender a migração da família para a colônia Santa Rosa de Monday, como o núcleo familiar foi se desfazendo diante das dificuldades encontradas em novas terras e se reagrupando quase todo no distrito de Santa Rita, no Paraguai, após dez anos em que haviam migrado para aquele país. Segundo a informante, como a migração não teve o consenso entre a família, sendo somente uma decisão individual de seu pai, após terem enfrentado as dificuldades iniciais, os filhos começaram a procurar trabalho e sair de casa. Nelci também foi uma que saiu ainda nova de casa para trabalhar no comércio em Santa Rosa del Monday.

A mesma afirma que sentiu muito a partida para o Paraguai, pois, quando chegou ao novo destino, teve que trabalhar na roça e não pode continuar os estudos. No caso dela, após casar, migrou para Santa Rita. Passam-se alguns anos, Nelci acaba se separando e no ano de 2002 retornando para o Brasil para morar com a sua filha, que já havia migrado, exercendo a profissão de cuidadora de idosos. A mesma, assim, descreve a sua experiência de retorno:

Eu senti assim, que eu me libertei, que eu me libertei, porque lá eu me sentia assim sem segurança, sem segurança. Não [es]tava garantida pra nada, não tinha segurança. Aqui tem médico, tem tudo, lá é só particular, se não tinha dinheiro, não tinha médico. Então, o meu pai quando teve derrame não teve assistência nenhuma, ele veio pra Ciudad Del Leste e era tudo pago. Eu me senti liberta vindo para o Brasil, me libertei, tem garantia, tem médico, tem segurança. Brasil é o nosso país! (Nelci Barcelos, Foz do Iguaçu, 16 jan. 2019).

Atualmente, a mesma cuida da mãe, que está doente e cadeirante. Durante a entrevista questionou-se a sua mãe sobre a migração ao Paraguai, mas a mesma logo desviava o assunto e falava de quando vivia no Rio Grande do Sul, dava detalhes do lugar onde ela morava, sobre a sua família e, por fim, até declamou dois versinhos lindos sobre o Brasil. Tentou-se insistir para que ela falasse algo sobre a sua migração, mas trazia com esforço alguns fatos vagos e isolados da família quando migrou. O que fez concluir, com base nos relatos da filha, que, para essa senhora, a migração ao Paraguai foi algo tão sofrido que nem fazia questão de falar, preferia esquecer-se daquelas lembranças. Percebeu-se o quanto a memória é uma construção mesmo inconsciente.

Ainda sobre o retorno, existem aquelas que tomam iniciativa; as mais jovens buscam trabalho fora, acolhem em sua casa os pais doentes e encaminham para tratamento, por fim buscam os seus direitos. Entre as famílias divididas entre os dois países formam-se redes transfronteiriças, como no caso do pai de Ivete Camargo, natural de Cerro Largo, Rio Grande do Sul, que migrou para Dom Armando, Paraná, por volta do ano de 1975 e para Santa Rosa del Monday, Paraguai, em 1980 e que, por fim, retorna para o Brasil no ano de 2002, que sem muitos recursos no hospital do Paraguai foi conduzido pela filha para tratamento pelo SUS, no Brasil.

O pai teve problemas sérios de saúde. Daí ele não tinha condições de pagar o médico em Santa Rita [Paraguai], porque era tudo particular e ele foi internado no hospital Cristo Rei [...], daí tinha que pagar tudo, tudo. Daí parece que tu nunca chegavas à vez e não se descobria o que era, e o pai cada vez mais fraco. Daí eu falei pra eles que ia conseguir por ele pelo SUS, que era pra eles vir morar com nós, daí o pai e a mãe vieram morar com nós.

Mais tarde eles venderam a terra deles lá e compraram um terreno e fizeram uma casa por aqui (Ivete Camargo, Santa Terezinha de Itaipu, 14 jan. 2019).

Ivete, dentre todos os seus irmãos, chama para si a responsabilidade de dar assistência ao pai que, para isso, teria que retornar para o Brasil. É esse retornado que toma a iniciativa de buscar auxílio para o que está no Paraguai e deseja vir para o Brasil por ter mais acesso a informações e serviços. Aqui, além disso, permanecer na casa de um familiar dá ao que busca auxílio a possibilidade de ter um endereço no município, o que torna mais fácil o acesso aos serviços públicos. O retorno de um familiar favorece a migração dos demais e auxilia na reinserção destes, geralmente nos casos analisados em centros urbanos.

Nesse sentido, é importante destacar o papel dessas redes presentes de diversas formas nas trajetórias migratórias desses sujeitos ainda no interior do Brasil e no Paraguai e que também se fazem aparecer na migração de retorno. Na migração de retorno percebemos a influência das redes familiares e sociais, além de outras redes. Os contatos com imigrantes que já haviam retornado ao Brasil facilitam a imigração e a reinserção. Muitos destes vão se estabelecendo em espaços onde já residem familiares ou pessoas conhecidas das comunidades onde trabalhavam no Paraguai. Quanto ao contato entre parentes, para Marques a “complexidade dos arranjos familiares que constituem a migração de retorno de brasileiros oriundos do Paraguai pode ser apontada como mais um elemento que contribui para a formação de uma comunidade transnacional “brasiguai””. A constituição dessa comunidade é determinante da circularidade que diferencia o deslocamento da população na fronteira entre os dois países (MARQUES, 2009, p. 70).

Nesse sentido, nas narrativas das mulheres imigrantes denota-se que estas veem no retorno para o Brasil uma nova oportunidade de vida para si e para os seus mesmos, que estes ainda se encontram no país de destino. Isso não quer dizer que as mesmas não tenham encontrado dificuldades para se reinserirem no Brasil, em locais em que as mesmas nunca haviam residido antes. Elas encontraram dificuldades, umas mais outras menos, mas o fato de não terem feito menção destas mostra que as mesmas acreditam terem tomado a melhor decisão ao retornarem para o país de origem.

Considerações finais

Portanto, observa-se que o retorno é como afirma Sayad: “elemento constitutivo da condição do imigrante” (SAYAD, 2000, p. 7). Quem migra carrega consigo o desejo ou o sonho do retorno, sendo que para alguns esse é intenso, para outros não tem tanta força, para

outros, na medida em que foram assimilando o novo espaço encontrado e se encontrando no mesmo, esse desejo foi sendo desfeito. Por fim, para um bom grupo de brasileiros que um dia emigram ao Paraguai o retorno se concretizou não como algo desejado ao migrar ao país vizinho, mas como a possibilidade de um novo recomeço diante das incertezas e dificuldades no local de destino.

Percebe-se que, nesse espaço fronteiro de proximidade entre a pátria de origem e a pátria de destino, o migrante tende a circular entre os dois espaços, o que, por muitas vezes, pode facilitar o retorno. Porém, o mesmo sabe do peso que assumiu ao partir e deixar os seus buscando melhores perspectivas de vida e, até não encontrar, decide por permanecer. Esse sabe, também, que a pátria querida lembrada em terras estrangeiras já não é mais a mesma e ele já não é mais o mesmo, pois se abriu, querendo ou não, a outra realidade existente no local de destino.

É importante se considerar como é vivenciada a migração, aqui neste caso de retorno entre mulher e homens, pois as relações são diferentes. Por um lado, os entrevistados do gênero masculino afirmam estarem ainda ligados ou sentirem-se terem sido do Paraguai. Por outro, mulheres que afirmam estarem seguras, conseguiram autonomia. Enfim, serem autônomas por terem feito uma escolha pela migração, algo que não aconteceu quando entraram no Paraguai. O retorno faz delas protagonistas de suas vidas. Vidas que, de certo modo, foram barradas com a migração ao Paraguai, pois, como algumas afirmaram, não puderam continuar a estudar naquele país: algo que queriam fazer devido ao trabalho pesado, à distância das escolas e diferença do ensino. E que, agora com o retorno, podem realizar.

Referências:

- ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. **Fronteiras em movimento e identidades nacionais: a imigração brasileira no Paraguai**. 2005. 265f. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2005.
- BÁRBARA, Marcelo Santa. Brasiguaios: território e jogo de identidades. In: NETO, Helion Póvoa; FERREIRA, Ademir Pacelli (orgs.). **Cruzando fronteiras disciplinares**. Um panorama dos estudos migratórios. Rio de Janeiro: Revan, 2005. p. 333-346.
- FAZITO, Dimitri. **Análise de Redes Sociais e Migração. Dois aspectos fundamentais do "retorno"**. RBCS - vol. 25 nº 72, 2010.
- GOETTERT, Jones Dari. **O espaço e o vento: olhares da migração gaúcha para o Mato Grosso de quem partiu e de quem ficou**. Dourados, MS: Editora UFGD, 2008.
- _____; MONDARDO, Marcos Leandro. **Brasil migrante: Gentes, lugares e transterritorialidades**. GEOgraphia (UFF), v.11, p.101 -136, 2009.
- MARQUES, Denise Helena França. **Circularidade na fronteira do Paraguai e**

- Brasil:** o estudo de caso dos “brasiguaios”. 2009. 172f. Tese (Doutorado em Demografia), Universidade Federal de Minas Gerais. Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas, Belo Horizonte, 2009.
- MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabiola (Orgs.). **História Oral:** como fazer e como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.
- POLLAK. Michel. **Memória, Esquecimento e Silêncio.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, p.3 -15, 1989.
- PORTELLI, Alessandro. “El tiempo de mi vida”: Las funciones del tiempo en la historia oral” **Rev. Internacional Journal of Oral History**, vol. 2, n.3, p. 162-180, noviembre, 1981 (traducción de Victoria Schussheim).
- ROMEU, Thiago. Reflexões sobre a subalternização dos migrantes e sua emergência como sujeitos geográficos na contemporaneidade. In: MARTINS, Isis do Mar Marques; MONDARDO, Marcos Leandro (Orgs.). **Migrações no mundo da fluidez e dos muros:** movimentos, práticas e resistência na América Latina. Rio de Janeiro: Multifoco, 2018. p. 82-110.
- SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os paradoxos da alteridade.** São Paulo: EDUSP, 1998.
- _____. **O retorno, elemento constitutivo do migrante.** TRAVESSIA - Revista do Migrante, São Paulo, jan. 2000 (número especial).
- THOMSON, Alistair. Histórias (co) movedoras: História oral e estudos de migração. **Revista Brasileira de História**, FapUNIFESP (SciELO), v. 22, n. 44, p.341-364, 2002.
- VANGELISTA, Chiara. **Mobilidade social e espacial como objetos da história.** In: Simpósio de História da Imigração e Colonização. Migrações: Mobilidade social e espacial. 19º Simpósio de História da Imigração e Colonização. Organizador Martin N. Dreher. São Leopoldo: Oikos, 2010.

Fontes:

- Adelino Bottigel**, natural de Candido Godoi, RS, residente em Missal, PR, entrevista concedida em 15/01/2019.
- Carmem Furlan**, natural de Vera Cruz, PR, residente em San Alberto, Paraguai, entrevista concedida em 28/07/ 2018.
- I.F.**, agricultor, natural de Crissiumal, RS, residente em Naranjal, entrevista concedida em 08/08/2016.
- Ilei Terezinha Bottegel**, natural de Concórdia, SC, residente em Missal, PR, entrevista concedida em 15/01/2019.
- Ivete Camargo**, natural de Cerro Largo, residente em Santa Terezinha de Itaipu, PR, entrevista concedida em 14/01/2019.
- Maria Gessi Soledade dos Santos**, cozinheira, residente em Foz do Iguaçu, natural de Francisco Beltrão, PR, entrevista concedida em 19/01/2019.
- Nadir José Sirtoli**, natural de Aratiba, RS, residente em San Alberto, Paraguai, entrevista concedida em 28/07/2018.
- Neiva Fridrichs**, comerciante, natural de Tunápolis, SC, residente em Santa Rita, entrevista concedida em 26/07/2018.
- Nelci Barcelos**, cuidadora de idosos, natural de Saltinho, RS, residente em Foz do Iguaçu, entrevista concedida em 16/01/2019.
- Plínio Seger**, professor e agricultor, natural de Selbach, RS, residente em Foz do Iguaçu, entrevista concedida em 14/01/2019.

Recebido em: 05 de setembro de 2020.

Aprovado em: 15 de janeiro de 2021.